

Jornadas Pastoral Social

Fátima, 13-15 de setembro, 2016

Dia 15: Educação e Espiritualidade Ecológicas

Painel: Teresa Vasconcelos, Ana Escada, Margarida Alvim

Um novo estilo de vida

Teresa Vasconcelos

Como é habitual, sempre que me pedem para fazer este tipo de intervenções, procuro escrever um texto que emerge do meu contexto imediato. Há pouco mais de três semanas estive de visita a Nova Iorque, ficando alojada no centro do Graal em South Bronx, o pior gueto da cidade. Vou circular entre dois polos bastante opostos desta cidade – South Bronx e Manhattan (de que tanto gosto tanto mas que é tão cruel para quem é pobre). Irei transcrevendo algumas notas que tomei na altura à medida que faço as minhas reflexões.

O meu ponto de partida será o seguinte texto de Jeremias:

Depois o Senhor estendeu a mão, tocou-me na boca e disse-me: ‘Eu ponho as minhas palavras na tua boca. Hoje dou-te poder sobre os povos e os reinos, para arrancar e destruir, para arruinar e demolir, para construir e plantar’.
(Jeremias 1, 1.4-10)

South Bronx, NY

Eis-me em South Bronx, frente ao Centro do Graal. Cá fora uma pequena feirinha de roupa em 2ª mão – tudo a um dólar – a favor dos mais carenciados da paróquia. Margarita acolhe-me e abre a porta. Lá dentro profundo silêncio a contrastar com a rua buliçosa. A equipa ainda está fora de modo que tenho a casa toda para mim.

Mas que “calorão!!!!”: aquele calor húmido, pesado, cinzento e opressivo que conheci tão bem. As ruas continuam poluídas, talvez menos lixo à vista do que há mais de 25 anos atrás. Aqui trabalhei ao longo de três anos num programa para crianças e famílias em risco, entre 1984-87. E os verões eram assim: quentes, húmidos, pesados.

Ainda hoje me lembro do nome de algumas das jovens mães e suas crianças. Eram os primeiros anos da “sida” que matou depois várias delas. Não sabíamos ainda com exatidão os riscos a que nos sujeitávamos. Fora contratada como “early childhood specialist” e tinha de garantir que as crianças estavam “seguras”. Resmungava então que não era assistente social. Quando parti Peg Sweeney, diretora da Agência, disse-me: ‘és a melhor *social worker* que alguma vez tivemos’. Meu Deus, como aquele trabalho era difícil!

Quando fui à missa no último sábado em Saint Luke’s encontro a Carmen Cintrón, originária de Porto Rico, uma das ajudantes familiares com quem trabalhei e que ajudei a formar. Como é possível que ela me reconhecesse passados... precisamente 27 anos? Foi uma alegria imensa!!! Creio que este reconhecimento estará relacionado com as crises nas famílias que acompanhávamos. Tínhamos mesmo que cerrar fileiras entre nós.

O centro do Graal é uma das típicas casas altas (4 andares) e estreitas de alguns bairros de Nova York – os célebres *brownstone buildings* - e fica na rua principal de South Bronx, a rua nº 138, tendo sido cedido ao Graal pela paróquia. A equipa do Graal vive “uma opção preferencial pelos mais pobres” (158, *Laudato Sí*). Desta vez quis experimentar a vida quotidiana daquela equipa tão implicada no contexto do bairro e, paralelamente, recebendo jovens dos quatro cantos do mundo para os programas do CSW (Commission on the Status of Women) das Nações Unidas no qual o Graal tem assento.

Aqui vive-se com uma imensa frugalidade, tudo belo como é apanágio do Graal – tantas peças decorativas vindas dos quatro cantos do mundo... -, mas tudo reduzido à sua essência mais simples. Dentro de casa há paz, sobriedade, uma grande mesa na cozinha onde se fazem refeições simples, se dão dois dedos de conversa, se abrem os *laptops* antes que “chovam” mais mensagens. As pessoas estão conectadas. Diria que a cozinha é “o centro” da casa. Claro que também aqui cozinhei alguns petiscos. Os resíduos orgânicos vão para um compus (dicionário: formar um todo, juntando diferentes partes) ao fundo do breve quintal. Latas e embalagens a um lado (são recolhidas ao domingo), lixo comum do outro. Procuram-se formas de gastar menos água, gás e luz, nada é desperdiçado. Ventoinhas substituem os aparelhos de ar condicionado. Um contraponto à fúria consumista de Manhattan e ao frenesim bem centro-americano da rua nº 138. Diz a *Laudato Sí*: “A sobriedade vivida livre e conscientemente, é libertadora” (223)

Manhattan, NY

Não longe fica o metro nº 6 que me leva rapidamente a Manhattan. Num dos dias – numa hora mais mansa do que a hora de ponta – descobri a meu lado um jovem negro a desenhar rapidamente e com enorme precisão as caras das pessoas sentadas em frente. “You got talent!”, soprei-lhe eu... contou-me de imediato a vida de jamaicano em NY, filho de pais artistas – o pai dedicou-se posteriormente à arte de barbear para sustentar a família -, mas este seu digno filho tem-se dedicado à arte de desenhar faces no metropolitano. No final entrega-as às pessoas. “Mas as pessoas pagam?” pergunto eu. “Pagam se quiserem – realmente várias dão-me um ou dois dólares -... mas entrego-lhes sempre o desenho, quer contribuam ou não, porque a minha arte é sobre o encontro com pessoas”. Maravilha: isto na cidade do capital e dos “mercados”! Relembro a *Laudato Sí*: “O mercado, por si mesmo [...] não garante o desenvolvimento humano integral nem a inclusão social” (109). Como diz o escritor angolano Pepetela, de uma forma clara, no seu último livro: “há que decidir se se deve combater essa **ditadura da ganância**”.

Ao sair do metro número nº 6, pela Lexington Avenue, vejo o Bloomingdale’s. Resolvo entrar, feita rica, na esperança de que houvesse um saldo onde pudesse comprar uma gracinha para os aniversários de duas das minhas irmãs. E o ar condicionado é agradável. Uma espécie de “mordomo”, olhando-me de cima abaixo, pergunta-me onde quero ir: “saldos de roupa de senhora” Refere-me 3 andares com um ar displicente: devo ter o ar de uma estrangeirada que ficou em casa de amigos em S. Bronx e que veio cheirar as lojas de Manhattan. Não se engana. De cabeça bem levantada subo aos 3 andares. Em cada recanto roupa de um determinado costureiro – não sabia que havia tantos. Preços absolutamente proibitivos. Desci rapidamente - “isto não é para mim!” e senti o quanto tudo aquilo pode ser obsceno. Refugiei-me na Saint Thomas Church, Anglicana, gótica revivalista, um fabuloso vitral azul turquesa e um imponente retábulo (the Great Reredos) em pedra, baixo relevo, figurando santos e mártires, apóstolos... bispos... nem uma santa, à exceção de Nossa Senhora...enfim... Silêncio absoluto, tudo na semi-obscuridade. Respirei fundo no meio daquela beleza silenciosa. Mas a certa altura o ar condicionado tornou-se frio demais – que desperdício!– e voltei para o calor impiedoso da rua.

Não poderia deixar de ir ao MoMA (Museu de Arte Moderna). Um mundo! Tratando-se de um museu privado pagam-se 18 dólares (sénior)

de entrada. Proibitivo. Mas naquele sábado estava literalmente cheio. Os “cata fotos” dos quadros eram muitos. Com licença...com licença... lá ia esperando que os mais altos se afastassem para dar lugar aos mais baixos como eu... Faz impressão este “apoderar-se” das pinturas pela foto tirada do telemóvel e a ausência de parar e contemplar com total atenção à obra de arte **real**. Interessantíssima exposição logo à entrada. *The Mapping Journey Project* do artista franco-marroquino Bouchra Khalili: um conjunto de 8 vídeos demonstra a história do percurso de 8 diferentes refugiados “ilegais” entre o seu país – norte de África e Médio Oriente - e a Europa: mapas, mãos a demonstrar percursos, muitas idas e vindas, o desejo de chegarem ao norte – Alemanha, Suécia, Noruega. Simples vozes na respectiva língua (legendada para inglês) a narrar e a desenhar percursos. Não há caras: apenas mãos a desenhar percursos e vozes. Muito forte, mesmo, um verdadeiro murro no estômago! Provoca uma reflexão sobre questões como cidadania, fronteiras, comunidade, “numa perspetiva crítica e ética”, segundo o curador.

Será que o Espírito põe *estas palavras na minha boca? E esta capacidade de olhar e ser interpelada?* Que faço então disso?

Filme “Amanhã”

Na semana a seguir ao meu regresso a Lisboa fui ver – enquanto ainda estava em cartaz – o documentário *Amanhã* de Cyril Dion e Mélanie Laurent, dois realizadores franceses. Não tenho dúvida de que este filme é um grito de esperança, na descrição que faz de experiências concretas – proféticas! - inspiradas numa *consciência ecológica*. Essas experiências estão espalhadas pelos quatro cantos do mundo: *Hoje dou-te o poder para construir e plantar....* afirma o profeta. Temos então um **poder** que nos é dado. Afirma o Papa Francisco: “o ser humano ainda é capaz de intervir de forma positiva” (*Laudato Si’,* 58).

O **filósofo** Fernando Belo escreveu uma coluna muito interessante sobre este filme no jornal *Público* de 10 de Agosto:

Que economista que se preze não sonha encontrar solução teórica para alguma das principais questões que nos assolaram nas duas últimas décadas de anos? (...) O que este filme mostra é como que um retorno a Aristóteles, o primeiro grande filósofo-cientista: como se articula a *polis*, a cidade local, de forma parcialmente auto-sustentada e se a defende das agressões globais, roubando-lhe inclusive municações e deixando como global o que o merece. Dá para pensar que onde haja qualquer crise sentida localmente, sabendo-se das outras experiências e hoje isso é muito fácil, pode-se encontrar de forma relativamente rápida maneiras de reagir onde se está a ser atingido. Ao contrário duma revolução clássica, conduzida por cima e destruindo para

revolucionar, é a gente debaixo que se levanta, deixando os de cima a terem de se dar conta do que lhes está escapando. (...) há saídas para o apocalipse, garante o filme *Amanhã*.

Para além das vivências muito concretas e próximas que descrevi, à medida que ia usando as palavras do profeta como enquadramento, neste painel dedicado *Um Novo Estilo de Vida*, queria concluir com o seguinte,

Acredito profundamente que *O Senhor nos estende a mão* a partir das palavras deste Profeta dos tempos de hoje que nos foi enviado por Deus: o Papa Francisco e a sua Encíclica *Laudato Sí*. As suas palavras **são-nos dadas** para aumentar em nós um coração solidário e uma mente consciente e comprometida. Como afirmava no início de Julho um membro do Graal num programa que tivemos na Golegã *Mulheres, Teologia e Mística*¹: é preciso pensar no “contexto para uma teologia e espiritualidade ecológicas” (a página do Graal na internet dá acesso a todo o ciclo das 5 intervenções, quer em inglês, quer na sua versão em português). A autora, Patricia Gemmel, cita Thomas Berry (um reconhecido eco-teólogo americano): “Destruir deliberadamente uma espécie viva é silenciar para sempre uma voz divina”². Afirma Francisco na *Laudato Sí*: “não possuímos a Terra: somos responsáveis por ela”. Forte, não é? Deus apenas pode mudar o mundo através de nós. Patricia Gemmel cita ainda a metáfora “do mundo como o corpo de Deus” de Sallie McFague³. E continua: “a pobreza voluntária – simplicidade voluntária, frugalidade,... - significa coisas diferentes para pessoas diferentes, dependendo das nossas personalidades e contextos, mas é o *sine qua non* de uma vida transformada em Cristo (...). Sacrificarmo-nos⁴ é um caminho para a nossa plenitude” (p. 97)

Segundo a *Laudato Sí* :

“uma ecologia integral “exige que se dedique algum tempo a recuperar a harmonia serena com a criação, a refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, a contemplar o Criador (...)” (225), numa “**ascese no sentido de aprender a dar**” (9).

“uma atitude que vive tudo com serena atenção e que sabe manter-se plenamente presente” (226); daí a proposta de “sair de si rumo ao outro”

¹ Tivemos o contributo do P. Armindo Vaz ao longo dos 5 dias do programa.

² p. 46 de *The Dream of the Earth*)

³ *The World as a God's Body*, 1998 (a autora é americana da Anglican Church of Canada).

⁴ Vale a pena revisitarmos a palavra *sacrifício*.

(208), um *processo* que dura uma vida; este movimento leva-nos necessariamente a uma “conversão ecológica” (217).

“A grandeza política mostra-se quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e **pensando no bem comum a longo prazo**. O poder político tem muita dificuldade em assumir este poder num projeto de nação” (178).

“crescer numa sobriedade feliz”, num estilo de vida “profético e contemplativo” (222). Assim o ser humano possa viver “face a face com a beleza infinita de Deus” (243).

Depois de três dias de reflexão no âmbito da Pastoral Social, como vamos orientar a nossa atenção? Que “intenções” queremos ir cultivando no nosso coração tornando-as como guias para a nossa ação à medida que fazemos as malas para regressar aos nossos contextos de vida?

Para finalizar partilho convosco um **Pai Nosso** coletivo que fizemos na semana MTM:

Pai Nosso

Deus Criador de todos os seres e de todas as coisas:

O céu está na terra e a terra no céu.

Inclinamo-nos em reverência pelo Teu trabalho criador em todo o universo.

Somos chamadas a ser cocriadoras contigo.

Dá-nos aquilo de que precisamos para viver cada dia
com dignidade e harmonia,
de modo a respeitar e cuidar dos nossos recursos,
deixando uma terra habitável para os nossos filhos.

Assim como aceitamos amorosamente a Tua compaixão,
prometemos agir com misericórdia para com todos os seres vivos.

E não nos deixes cair na tentação do desperdício,
do consumo desenfreado,
da satisfação imediata,
do uso dos bens que recebemos apenas em proveito próprio.

Ajuda-nos no caminho da Verdade, da Justiça e da Beleza.
May all of Creation be Well. (que toda a Criação seja um Bem).

Amen.